

Samney, José

Reaprender a sonhar

O GLOBO

9 DEZ 1994

JOSÉ SARNEY

O mundo que vivemos é um mundo transformado e em transformação. É o fim de uma etapa e começo de uma nova era. Já é o início da busca de um mundo só, com o advento das políticas transpacionais e os problemas da humanidade. A cada dia vamos tendo a consciência clara que vivemos num pequeno planeta, onde a aventura da vida, a presença do homem racional, senhor do tempo e do espaço, tornou-o diferente e impõe a certeza de que estamos condenados a uma civilização que passa pelas tendências atuais de regionalização e globalização. É marcha inexorável, uma etapa da humanidade. Somos interdependentes e cada vez mais impossibilitados de viver isolados, quer como países, continentes, raças ou religiões.

Uma das crises, talvez a maior de todas, é a perda da visão mundial

do Brasil. Vivemos isolados, mergulhados em nossos problemas, alheios ao que se passa no mundo. As agruras do Governo Collor, infelizmente, fizeram aumentar nosso isolamento. Não soubemos aproveitar e não ocupamos nenhum lugar nas mudanças advindas com a Queda do Muro de Berlim, que ficou como símbolo, como a Queda da Bastilha. Perdemos nossos interlocutores com o Primeiro Mundo e destruímos, em grande parte, aquilo que vínhamos construindo, a integração latino-americana e a articulação com países do nosso porte, como China, Índia, México. A Argentina, com grande agilidade, soube brilhantemente tirar consequências dos novos tempos. O Chile transformou-se num enclave de prosperidade no Continente. O México deslanchou. Há um vento de mudanças que varre as Américas. O Brasil tende a ficar marginalizado e descompassado, mergulhado na recessão econômica e na depressão política. É com certo calafrio que leio as

profecias de Herman Kahn que dizia que "no ano 2000, o Brasil será uma potência de quinta classe, superado pelo Peru, Cuba e Panamá, e se transformará num segundo Vietnã, a partir das guerrilhas no Nordeste". Graças a Deus, ele não foi bom profeta. Nada do que previu aconteceu.

Mas não podemos esquecer, na crise brasileira, nossa perda da perspectiva mundial, do nosso destino planetário. Somos o último país de grande extensão territorial a ocupar um lugar de poder. Eu penso que o mundo viveu os anos da Europa, vive os anos da Ásia e vai viver os anos da América do Sul e, nesse momento, como ninguém pode falar do Oriente sem falar da China, não pode falar do nosso continente sem a presença de um grande Brasil.

Stephan Zweig falou em Brasil, país do futuro. Hoje, isto soa como uma certa ironia. O bonde da História vai passando e nós ficamos na janela. Nossa tarefa, nestes últimos anos, tem sido a de enterrar os nos-

sos próprios sonhos. Criou-se uma cultura da catástrofe e dela nos realimentamos, num efeito bumerangue.

Para onde vamos? Eu acredito, mesmo sem olhar o fim do túnel, que ele está perto. O Brasil não foi criado para viver sem um grande destino. O nosso povo tem esse sentimento. E preciso sair desse círculo de ferro dos nossos desencantos e encontrar forças para ressurgir das dificuldades. Precisamos urgentemente de reconstruir nossas esperanças. Voltar a ter a visão de um Brasil dentro do mundo e no compasso das transformações. Construir nossas pontes com uma parceria internacional que nos falta. Por fim, é preciso sonhar. Reaprender a sonhar e, se possível, colocar neste sonho uma gota de poesia. Nenhum tempo melhor para pensar nestas coisas do que a proximidade do Natal e as renovações de vida e esperança que renovam a cada novo ano.

José Sarney é senador pelo Amapá.